

Será o fim da tradição?

Mais importante que abordar as origens dos festejos juninos é discutir o seu futuro. No mês de junho somos tomados por uma necessidade atávica de retorno às origens interioranas, seja por amor à tradição rural, seja por busca de novidades culturais. Até os centros urbanos se travestem de vilas e 'arraiás' para atrair turistas e moradores que não podem viajar para o interior.

Por outro lado, as cidades do interior buscam se modernizar para atrair os turistas das capitais. Essa modernização, infelizmente, não passa apenas pela ampliação do sistema hoteleiro, de serviços e comunicação, mas também, pela programação musical dos festejos.

Na cidade de Senhor do Bonfim, localizada no Piemonte da Chapada, Norte da Bahia, sempre fui contra a contratação de bandas de forró elétrico, ou pejorativamente chamadas de 'oxente music', por achar que destoava da proposta cultural que a cidade vinha mantendo há quase um século, o que a fez tornar-se "A capital Baiana do Forró".

A festa bonfinense, que na minha infância e juventude não se restringia apenas à comemoração do São João, mas também a Santo Antonio, São Pedro e São Marçal (este último pouco conhecido mas festejado por moças donzelas com fogueira no quintal e licor na janela) tornou-se famosa por aliar hospitalidade, boa música, comida típica, alvorada e guerra de espadas. Todas essas festas eram animadas por figuras como Luiz Gonzaga, Trio Nordestino, que fez música em homenagem à cidade (Aonde é que tem 30 dias de forró?), Dominginhos, Negrão dos Oito Baixos, Anastácia, Genival Lacerda, Quinteto Violado e outros que estavam em evidência nos anos 70, além dos sanfoneiros locais e bandas de pífanos. O mesmo ocorreu nos anos 80 com Flávio José, Alcymar Monteiro, Adelmário Coelho e Trio Bahia, e a implementação do Forró Grito, festa organizada por emissora de rádio local que ocorria a cada dia em um bairro diferente, promovendo trinta dias de festas conforme preconizava a música do Trio Nordestino.

Nos anos 90 houve uma mudança brusca na programação musical, apesar da discordância do Conselho do São João (grupo de artistas, jornalistas e autoridades que zelam pela tradição dos festejos), grupos de música mais moderna foram inseridos na programação oficial. A alegação era de que os jovens, maior público participante da festa, exigiam a presença desses grupos pois era o que eles curtiavam na capital, uma contradição em relação ao que as pessoas buscam ao ir para o interior, a tradição. Até aí tudo bem, esses grupos apesar de fugirem da tradição do

Forró Pé-de-Serra - sanfona, triangulo e zabumba, mantinham em seu estilo musical uma lembrança do forró nos ritmos temperados com gêneros caribenhos, muitas coxas e bundas de fora para alegria dos solitários discípulos de Onam, e sem querer ser moralista, um desrespeito desnecessário às famílias que também se fazem presentes nos festejos.

O que ocorre agora, no novo século, é a desvirtuação total da representação tradicional das festas juninas: comidas típicas, folclore local e forró. Grupos carnavalescos estão sendo inseridos nos festejos para agradar um grupo de jovens que deveriam ser educados para valorização da tradição e não sua desvirtuação. É a cultura dando lugar ao comércio. Se o cliente quer a gente faz.

Em Senhor do Bonfim esse absurdo ainda não chegou à comemoração central, mas o poder público até patrocina evento particular em local afastado com grupos de pagode, funk, brega e axé. Um grupo de jovens ao saberem que sou bonfinense me questionou sobre o São João de lá e ficaram surpresos com as coisas que contei: Os Calumbis, As visitas do Grupo Caruá, o sanfoneiro Zazá e seus filhos, a barraca do Tomaz, o desfile das carroças no Casamento Matuto, a Alvorada e a Fogueira do prefeito que motiva a Guerra de Espadas. Me confessaram que estiveram por duas vezes em Bonfim mas não curtiram nada disso pois ficaram só na festa particular e prometeram fugir um pouco do moderno e buscar as raízes esse ano. Em outras cidades a inclusão está escancarada e até o Padre Fábio Mello cantará em noite de São João numa delas. É realmente não ter senso de ridículo.

Recentemente o Ministério Público do Trabalho tentou proibir a presença desses grupos na festa junina alegando que eles estavam roubando o trabalho de quem era de direito mas a medida caiu imediatamente pois a força da grana fala mais alto mesmo quando a decisão é tomada por quem deveria ser cega a essas questões econômicas e valorizar a cultura de um povo que aos poucos definha e morre.

Jotacê Freitas – Poeta e professor.